


★ *Marlon James* ★

**BREVE  
HISTÓRIA  
DE  
SETE  
ASSASSINATOS**



VENCEDOR  
*do*  
MAN  
BOOKER  
PRIZE





BREVE  
HISTÓRIA  
*de*  
SETE  
ASSASSINATOS

Marlon James

TRADUÇÃO DE ANDRÉ CZARNOBAI



Copyright © 2014 by Marlon James

TÍTULO ORIGINAL

A Brief History of Seven Killings

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

Eliane Hatherly Paz

REVISÃO

Juliana Werneck

Édio Pullig

Lais Curvão

Flora Pinheiro

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29b

James, Marlon

Breve história de sete assassinatos / Marlon James ; tradução  
André Czarnobai. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

736 p. ; 23 cm.

Tradução de: A brief history of seven killings

ISBN: 978-85-510-0179-0

1. Ficção jamaicana. I. Czarnobai, André. II. Título.

17-39925

CDD: 819.823

CDU: 821.111(729.2)-3

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Maurice James*  
*Um cavalheiro extraordinário numa liga só dele.*

## SUMÁRIO

### **ORIGINAL ROCKERS**

*2 de dezembro de 1976* 19

### **AMBUSH IN THE NIGHT**

*3 de dezembro de 1976* 137

### **SHADOW DANCIN'**

*15 de fevereiro de 1979* 303

### **WHITE LINES/KIDS IN AMERICA**

*14 de agosto de 1985* 475

### **SOUND BOY KILLING**

*22 de março de 1991* 647

## LISTA DE PERSONAGENS

### A Grande Kingston de 1959

*Sir Arthur Jennings*, político falecido  
*O Cantor*, estrela internacional do reggae  
*Peter Nasser*, político, estrategista  
*Nina Burgess*, ex-recepcionista, atualmente desempregada  
*Kim-Marie Burgess*, sua irmã  
*Ras Trent*, namorado de Kim-Marie  
*Doctor Love/Luis Hernán Rodrigo de las Casas*, consultor da CIA  
*Barry Diflorio*, chefe de estação da CIA na Jamaica  
*Claire Diflorio*, sua esposa  
*William Adler*, ex-agente de campo da CIA, atualmente traidor  
*Alex Pierce*, repórter da *Rolling Stone*  
*Mark Lansing*, cineasta, filho de Richard Lansing, ex-diretor da CIA  
*Louis Johnson*, agente de campo da CIA  
*Sr. Clark*, agente de campo da CIA  
*Bill Bilson*, repórter do *Jamaica Gleaner*  
*Sally Q*, informante  
*Tony McFerson*, político  
*Oficial Watson*, policial  
*Oficial Nevis*, policial  
*Oficial Grant*, policial

### Copenhagen City

*Papa-Lo/Raymond Clarke*, don de Copenhagen City de 1960 a 1979

*Josey Wales*, homem de confiança, don de Copenhagen City de 1979 a 1991, líder do Bonde do Trovão  
*Chorão*, membro de gangue, homem de confiança do Bonde do Trovão em Manhattan/Brooklyn  
*Demus*, membro de gangue  
*Fumaça*, membro de gangue  
*Bam-Bam*, membro de gangue  
*Funky Chicken*, membro de gangue  
*Renton*, membro de gangue  
*Besta Selvagem*, membro de gangue  
*Tony Pavarotti*, homem de frente, sniper  
*Padre*, mensageiro, informante  
*Junior Soul*, informante/provável espião de Eight Lanes  
*A Wang Gang*, gangue afiliada de Copenhagen City com sede em Wang Sang Lands  
*Copper*, homem de frente  
*Chinês*, líder de gangue nas redondezas de Copenhagen City  
*Treetop*, membro de gangue  
*Bullman*, homem de frente

### **Eight Lanes**

*Shotta Sherrif/Roland Palmer*, don de Eight Lanes de 1975 a 1980  
*Funnyboy*, homem de frente e segundo na linha de comando  
*Buntin-Banton*, um dos líderes e don de Eight Lanes de 1972 a 1975  
*Pano de Prato*, um dos líderes e don de Eight Lanes de 1972 a 1975

### **Fora da Jamaica, 1976 a 1979**

*Donald Casserley*, traficante de drogas e presidente da Liga de Libertação da Jamaica  
*Richard Lansing*, diretor da CIA de 1973 a 1976  
*Lindon Wolfsbricker*, embaixador americano na Iugoslávia  
*Almirante Warren Tunney*, diretor da CIA de 1977 a 1981



*Roger Theroux*, agente de campo da CIA  
*Miles Copeland*, chefe de estação da CIA no Cairo  
*Edgar Anatolyevich Cheporov*, repórter da Agência de Notícias Novosti  
*Freddy Lugo*, agente, Alfa 66, Organizações Revolucionárias Unidas,  
AMBLOOD  
*Hernán Ricardo Lozano*, agente, Alfa 66, Organizações Revolucionárias  
Unidas, AMBLOOD  
*Orlando Bosch*, agente, Ômega 7, Organizações Revolucionárias Unidas,  
AMBLOOD  
*Gael e Freddy*, agentes, Ômega 7, Organizações Revolucionárias Unidas,  
AMBLOOD  
*Sal Resnick*, repórter do *New York Times*

#### Montego Bay, 1979

*Kim Clarke*, desempregada  
*Charles/Chuck*, engenheiro da Alcorp Bauxite

#### Miami e Nova York, 1985 a 1991

*Bonde do Trovão*, gangue de traficantes jamaicanos  
*Ranking Dons*, gangue rival de traficantes jamaicanos  
*Eubie*, homem de confiança do Bonde do Trovão no Queens/Bronx  
*A-Plus*, aliado de Tristan Phillips  
*Pig Tails*, homem de frente do Bonde do Trovão no Queens/Bronx  
*Ren-Dog*, homem de frente do Bonde do Trovão no Queens/Bronx  
*Omar*, homem de frente do Bonde do Trovão em Manhattan/Brooklyn  
*Romeo*, traficante do Bonde do Trovão no Brooklyn  
*Tristan Phillips*, detento em Rikers, membro dos Ranking Dons  
*John-John K*, matador, ladrão de carro  
*Paco*, ladrão de carro  
*Griselda Blanco*, barão do tráfico de Medellín responsável pelas operações  
do cartel em Miami  
*Baxter*, capanga de Griselda Blanco

*Camisas Havaianas*, capangas de Griselda Blanco  
*Kenneth Colthirst*, morador da Quinta Avenida, em Nova York  
*Gaston Colthirst*, seu filho  
*Gail Colthirst*, sua nora  
*Dorcas Palmer*, cuidadora  
*Millicent Segree*, estudante de enfermagem  
*Dona Betsy*, gerente da Agência de Empregos Deus te Abençoe  
*Monifah Thibodeaux*, viciada em drogas

Vai contar toda a verdade,  
Amor, essa é a pior parte

— BONNIE RAITT, *Tangled and Dark*

Se não foi bem assim, também  
não fica muito longe.

— Provérbio jamaicano



## SIR ARTHUR GEORGE JENNINGS

*Escuta.*

Os mortos nunca param de falar. Talvez porque a morte não seja de fato o fim, só uma coisa parecida com ficar de castigo no colégio. Você sabe muito bem de onde veio e é de lá que você está sempre voltando. Você sabe muito bem para onde está indo, mas parece que você nunca consegue chegar e, quando percebe, você está morto. Morto. Parece uma coisa definitiva, mas é só um adjetivo que deveria ser verbo. Você se depara com outros homens mortos há muito mais tempo do que você, caminhando sem parar embora não tenham para onde ir, e você os escuta uivar e sibilar porque nós somos todos espíritos, ou pensamos que somos todos espíritos, mas no fim das contas só estamos todos mortos. Espíritos que invadem outros espíritos. Às vezes, uma mulher entra no corpo de um homem e geme como se estivesse recordando a sensação de fazer amor. Eles choram e gemem com força, mas é um som que entra pela janela feito um silvo, um sussurro debaixo da cama, e as crianças pequenas acham que tem um monstro lá. Os mortos adoram se deitar debaixo dos vivos por três motivos. (1) Passamos a maior parte do tempo deitados. (2) A parte de baixo da cama parece a tampa de um caixão, mas (3) tem um peso, o peso de um corpo humano que você pode invadir e deixar ainda mais pesado, e escutar o coração batendo enquanto você o vê pulsar, e ouvir as narinas soprando quando os pulmões empurram o ar, e invejar até mesmo o mais discreto dos suspiros. Não tenho nenhuma lembrança dos caixões.

Mas os mortos nunca param de falar, e às vezes os vivos escutam. Era isso o que eu queria dizer. Quando você está morto, a fala se resume a uma série de tangentes e desvios e não há muito o que fazer a não ser se deixar levar e se deixar perder. Bom, pelo menos é isso que os outros fazem. O que eu

quero dizer é que os falecidos aprendem com os falecidos, embora não seja assim tão simples quanto parece. Eu ainda podia escutar a mim mesmo afirmando para quem quisesse ouvir que eu não caí, que eu fui empurrado da varanda do Sunset Beach Hotel, em Montego Bay. E eu não podia simplesmente dizer fecha a matraca, Artie Jennings, porque todas as manhãs quando eu acordo ainda preciso colocar esse meu cabeção de abóbora esmagada no lugar. Mesmo agora, enquanto eu falo, consigo me ouvir falando naquela época, morou, malandragem?, o que significa que a vida pós-morte não é uma cena acontecendo, nem um bailinho transado. Tá vendo aqueles malandros ali de bobeira, meu chapinha? Eles nunca sacariam, e eu não posso fazer nada além de esperar pelo cara que me matou, mas ele não morre, só fica cada vez mais velho e segue trocando de esposa, e por mulheres cada vez mais novas, e se reproduzindo, uma verdadeira ninhada de retardados, e jogando o nosso país no buraco.

Os mortos nunca param de falar, e às vezes os vivos escutam. Às vezes ele me responde se eu digo alguma coisa bem quando os olhos dele começam a tremular no meio do sono, e ele continua falando até que sua mulher lhe dê um tapa. Mas eu prefiro ficar ouvindo os que estão mortos há muito tempo. Eu vejo homens vestindo calças esfarrapadas e longos casacos ensanguentados e eles falam, mas começa a sair sangue pela boca e, minha nossa senhora, aquela rebelião de escravos foi mesmo um negócio terrível e aquela rainha, é claro, não serve mais para nada desde que a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais começou seu declínio em relação ao Oriente, principalmente por causa da má qualidade dos produtos, e por que é que tem tanto crioulo que dorme em qualquer lugar de qualquer jeito e quando bem lhes dá na telha e eu misturo tudo, tanto que nem sei onde é que botei o lado esquerdo do meu rosto. Estar morto é entender que morrer não é partir, é ficar em suspenso na imensidão. O tempo não para. Você vê ele se mover, mas você fica imóvel, feito uma pintura, feito o sorriso da Mona Lisa. Nesse espaço, uma garganta cortada há trezentos anos e um bebê que morreu subitamente há dois minutos são a mesma coisa.

Se você não presta atenção no jeito que você dorme, acaba acordando na posição em que os vivos te encontraram. No meu caso, isso é deitado no chão, com o meu cabeção de abóbora esmagada, minha perna direita retorcida por trás das costas e meus dois braços dobrados de um jeito que

não deveriam dobrar e, bem lá de cima, da varanda, eu pareço uma aranha morta. Estou lá em cima e aqui embaixo, e lá de cima eu me vejo do jeito que o meu assassino me viu. Os mortos se lembram de um movimento, uma ação, um grito, e eles vivem tudo de novo num piscar de olhos, o trem que não parou de correr até sair dos trilhos, o peitoril daquele prédio a dezesseis andares de altura, o porta-malas ficando sem ar. Os corpos dos bandidos estourando que nem um balão furado, cinquenta e seis balas.

Ninguém cai desse jeito se não for empurrado. Disso eu sei. E eu sei o que você vê e como é que você se sente, um corpo que cai lutando contra o ar até o fim, tentando se agarrar a qualquer pedaço de nada, implorando pra que uma vez, porra, só dessa vez, Jesus, seu chorão, filho de uma puta de quinta categoria, só dessa vez o ar te segure. Aí você cai numa cova de um metro e meio de profundidade ou num piso de mármore a cinco metros de altura, e ainda está lutando quando o chão se levanta e bate em você porque simplesmente cansou de esperar por sangue. E continuamos mortos, mas acordamos. Eu, uma aranha esmagada; ele, uma barata queimada. Não tenho nenhuma lembrança dos caixões.

Escuta.

Os vivos esperam para ver no que vai dar porque eles se iludem achando que têm tempo. Os mortos veem e esperam. Perguntei uma vez à minha professora da Escola Dominical: se o paraíso é o lugar onde existe a vida eterna, e o inferno é o oposto do paraíso, o que é o inferno? Um lugar para diabinhos como você, ela respondeu. Ela ainda está viva. Eu a vejo na Casa de Repouso Eventide, ficando cada vez mais velha e cada vez mais esclerosada, sem saber o próprio nome e falando numa voz tão baixa que ninguém consegue ouvir ela dizendo que tem medo toda vez que anoitece, porque é quando os ratos vêm comer os dedos bons dos pés dela. Mas eu vejo muito mais do que isso. Olhe com bastante atenção, ou talvez simplesmente para a esquerda, e você vai ver um país exatamente igual ao que era quando eu parti. As coisas não mudaram. Sempre que eu vejo as pessoas, elas estão do mesmo jeito que estavam quando eu parti; envelhecer não fez a menor diferença.

O homem que era o pai de uma nação, e que foi, para mim, mais pai do que o meu próprio pai, chorou feito uma viúva pega de surpresa quando soube que eu tinha morrido. Você nunca sabe de que modo os sonhos das

peças se depositam em você até que você se vá, e aí não resta nada a fazer além de ver as pessoas morrerem de maneiras diferentes, devagar, órgão a órgão, sistema a sistema. Doenças do coração, diabetes, doenças que matam devagar, com nomes difíceis de dizer. Isso é o corpo se entregando à morte de um jeito impaciente, um pedaço por vez. Ele vai viver para ver as pessoas fazendo dele um herói nacional, e vai morrer como a única pessoa que acreditava que tinha fracassado. É isso que acontece quando você personifica suas esperanças e seus sonhos em uma pessoa. Ela acaba reduzida a um mero artifício literário.

Esta é uma história de vários assassinatos, de garotos que não significavam nada pra um mundo que nunca para de girar. Mesmo assim, cada um deles, quando passou por mim, trouxe consigo o aroma agridoce do homem que me matou.

O primeiro grita até se esgoelar, mas o grito não passa por entre seus dentes porque eles o amordaçaram, e o tecido tem gosto de vômito e de pedra. E alguém amarrou firmemente as mãos dele às costas, mas elas pareciam estar soltas porque a pele tinha esfolado e o sangue lubrificava as cordas. Ele chuta com as duas pernas porque a direita está amarrada à esquerda, jogando terra um metro, um metro e meio para cima, e ele não consegue ficar de pé porque está chovendo lama e terra e poeira e pedra. Uma pedra acerta o nariz dele e outra bate em seu olho, e tem alguma coisa entrando em erupção, e ele grita, mas o grito vai até os lábios e volta como se fosse refluxo, e é a lama de uma enchente, e o nível da água sobe e sobe e ele não consegue mais ver os próprios pés. Então ele acorda e ainda está morto, mas não quer me dizer o seu nome.





ORIGINAL ROCKERS

*2 de dezembro de 1976*



## BAM-BAM

*S*ei que eu tinha quatorze anos. Disso eu sei. Também sei que muita gente fala muita coisa, especialmente o americano, que nunca cala a boca, e sempre começa a rir quando fala de você, e é meio estranho como ele fala o teu nome junto com os nomes de umas pessoas que a gente nunca ouviu falar, tipo Allende Lumumba, que parece mais o nome do país de onde veio o Kunta Kinte. O americano passa a maior parte do tempo escondido atrás dos óculos escuros, como se fosse um padre dos Estados Unidos que veio aqui trocar ideia com os pretos. Ele e o cubano às vezes vêm juntos, às vezes separados, e quando um fala o outro sempre fica quieto. O cubano não mexe com arma porque, como ele diz, as armas sempre precisam que a gente precise delas.

E sei que eu dormia numa caminha de armar e que minha mãe era uma vadia e meu pai o último mocinho que tinha sobrado na favela. E sei que a gente ficou vários dias de olho no teu casarão na Hope Road, e lá pelas tantas tu veio trocar uma ideia com a gente como se tu fosse Jesus e a gente fosse Judas e tu fez um gesto com a cabeça que nem quem diz vai em frente e faz aí o que tu tem que fazer. Mas não consigo lembrar se fui eu que te vi ou se foi alguém que me disse que te viu e aí eu fiquei achando que te vi também, tu saindo na varanda dos fundos, comendo uma fatia de fruta-pão, e ela aparecendo do nada, como se tivesse altos lances pra tratar na rua àquela hora da noite, e ficou paralisada, totalmente chocada que tu tava pelado, e aí ela tentou pegar na tua fruta porque ela queria provar e, mesmo com todo esse papo de que Rasta não curte mulher fácil, cês começaram a trepar a todo volume, e eu saí contando pra geral mesmo sem ter visto nem ouvido nada, e aí tu vai lá e ainda escreve uma música sobre tudo isso. O moleque de “Concrete Jungle” veio naquela mesma lambretinha verde de

mulherzinha quatro dias seguidos, às oito da manhã e às quatro da tarde, pra buscar o envelope marrom até que a nova equipe de segurança começou a não deixar. A gente também tá ligado nesse lance.

Em Eight Lanes e em Copenhagen City tudo que tu pode fazer é observar. O papo mole no rádio diz que o crime e a violência tão tomando conta do país, e se as coisas algum dia vão mudar, nós vamos ter que esperar pra ver. Mas tudo que a gente pode fazer aqui em Eight Lanes é ver e esperar. Eu vejo a água cheia de merda correndo pelas ruas, e eu espero. Eu vejo a minha mãe aceitar dois caras por vinte dólares cada e mais um que paga vinte e cinco pra gozar dentro, e eu espero. Eu vejo meu pai ficar de saco tão cheio que bate nela como se ela fosse um cachorro. Eu vejo o zinco no teto ficando marrom de ferrugem, e a chuva abrindo buracos nele como se fosse um queijo gringo, e eu vejo sete pessoas num quarto, e uma delas tá grávida, e outras trepam ali mesmo porque são tão pobres que não podem nem se dar o luxo de sentir vergonha. E eu espero.

E o quartinho vai ficando cada vez menor, e mais irmãos e irmãs e primas e primos vêm do continente, e a cidade vai ficando cada vez maior e não tem nenhum lugar pra dançar ou pra curtir um som nem uma carcaça de frango pra fazer um curry, e mesmo quando tem custa caro, e aquela garotinha levou uma facada porque eles sabiam que ela ganhava o dinheiro da merenda na terça-feira, e moleques como eu vão crescendo sem ir muito à escola, e não conseguem ler a cartilha escolar mas conseguem ler Coca-Cola, e tudo que eles querem é entrar num estúdio e gravar uma música e sair por aí cantando *hits* e dançando pra bem longe da favela, mas Copenhagen City e Eight Lanes são muito grandes e toda vez que você chega no limite, o limite anda um pouco mais pra frente que nem uma sombra, até que o mundo inteiro seja a favela. E você espera.

Eu te vejo esperando morto de fome e sei que foi só uma questão de sorte, você de bobeira pelo estúdio e o Desmond Dekker dizendo pro maluco te dar uma chance, e ele te dá uma chance porque ouviu a fome na tua voz antes mesmo de você cantar. Tu grava uma música, mas não um *hit*, porque mesmo naquela época era uma música bonita demais pra favela, onde todo mundo já abandonou a ilusão de que a beleza pode facilitar a vida de alguém. A gente vê você na viração tentando de tudo pra fazer sucesso, e a gente quer te ver no chão. E que bom que você não é bandido, apesar da tua pinta de picareta.

E quando tu se bandeou pra Delaware e depois voltou, tu tentou cantar *ska*, mas o *ska* já tinha trocado os barracos da favela pelos casarões da cidade alta. O *ska* tinha pegado o avião pra mostrar pros brancos que ele era que nem o *twist*. Talvez isso tenha deixado os sírios e os libaneses cheios de orgulho, mas quando a gente viu os caras do *ska* no jornal fazendo pose com a aeromoça, a gente não ficou nem um pouco orgulhoso, a gente ficou foi puto. Tu fez outra música, dessa vez um *hit*. Mas um *hit* não te tira da favela, não quando você está gravando esses *hits* prum vampiro. Um *hit* não vai te transformar na Skeeter Davis ou naquele maluco que canta no *Gunfighter Ballads*.

Minha mãe largou de mim assim que o moleque aqui saiu de dentro dela. O pastor sempre fala que existe um vazio na forma de Deus na vida de todo mundo, mas a única coisa que as pessoas que vivem na favela podem usar para preencher esse vazio é mais vazio. Mil novecentos e setenta e dois não tem nada a ver com 1962, e as pessoas ainda estão sussurrando porque nunca puderam gritar quando Artie Jennings morreu de repente, levando o sonho junto com ele. Que sonho é que eu não sei. As pessoas são idiotas. O sonho não foi pra nenhum lugar, as pessoas não conseguem nem identificar um pesadelo mesmo quando estão bem no meio dele. Mais gente começou a vir pra favela porque Delroy Wilson cantou “Better Must Come”, e o cara que se tornaria primeiro-ministro cantou também. “O melhor está por vir”. Homens que parecem ser brancos mas falam feio que nem neguinho quando precisam, cantando “O melhor está por vir”. Mulheres que se vestem que nem a Rainha, que nunca tinham nem pensado na favela até que ela fosse inchando até explodir por cima de toda Kingston, cantando “O melhor está por vir”.

Mas o pior vem antes.

A gente vê e a gente espera. Dois caras trazem armas pra favela. Um deles me mostra como usar. Mas na favela a gente se matava muito antes disso. Com qualquer coisa que a gente pudesse encontrar: porrete, faca, facão, furador de gelo, garrafa de refrigerante. Se matava por comida. Se matava por grana. Às vezes um maluco morre porque olhou pro outro maluco de um jeito que ele não gostou. Assassinatos não precisam de motivos. Isso aqui é a favela. Motivo é pra gente rica. Aqui é loucura.

Loucura é estar andando numa dessas ruas boas na cidade baixa e ver uma mulher vestindo roupa nova, de marca, e a primeira coisa que tu pensa

é em ir pra cima dela e roubar aquela bolsa, sabendo que não é o dinheiro nem a bolsa que a gente quer, mas o grito que ela dá quando te vê bem na frente daquele rostinho lindo, e você podia muito bem tirar o sorriso daquela cara a tapa e podia muito bem acabar com aquela alegria com um soco no olho, e matar ela ali mesmo, e estuprar ela antes ou depois, porque é isso que bandidos que nem nós fazem com mulheres decentes que nem ela. Loucura é seguir um homem de terno pela King Street, onde gente pobre nunca vai, e ficar olhando quando ele joga fora um sanduíche, de frango, tu sente o cheiro e fica pensando como é que pode ter gente tão rica que usa frango pra fazer sanduíche, e tu passa pela lixeira e vê, ainda coberto no papel-alumínio, ainda fresco, não marrom igual ao resto do lixo, e ainda sem nenhuma mosca em cima, e tu pensa talvez, e tu pensa sim, e tu pensa que precisa fazer aquilo, só pra saber como é o gosto da galinha que não vem junto com osso. Mas tu diz pra si mesmo não, tu não é louco, e não é que tu tá louco da cabeça, tu tá louco é de raiva, porque tu sabe que o maluco jogou o troço fora na tua frente só pra tu ver. E aí cê prometeu pra tu mesmo que um dia o bandidão aqui ia começar a andar de faca, e na próxima vez que encontrasse esse maluco, ia pular em cima dele e encher o peito dele de facada.

Mas ele sabe que um moleque que nem eu não pode andar muito tempo pela cidade baixa sem tomar uma dura da Babilônia. A polícia só precisa ver que eu tô descalço pra sair gritando seu neguinho cu cagado nojento, que porra você tá fazendo no meio dessa gente decente, e me dar duas opções. Correr e ser perseguido até uma dessas ruazinhas que cortam a cidade pra que ele possa me dar um tiro em privacidade. Tem bala de sobra no pente pra pelo menos uma acertar. Ou ficar parado e levar uma surra na frente daquela gente decente, ele usando o cassetete pra quebrar meus dentes e acertar a lateral da minha cabeça de um jeito que eu nunca mais vou conseguir ouvir direito com aquele ouvido, e me dizendo que aquilo era pra me ensinar uma lição, pra que eu nunca mais me atrevesse a arrastar minha carcaça fedida de favelado pelo meio da cidade. E eu vi, e eu esperei.

Só que aí tu volta, mesmo que ninguém tivesse se dado conta de que tu tinha ido embora. A patroa quer saber por que tu voltou dos Estados Unidos se tem tanta coisa boa por lá, tipo arroz da Uncle Ben's. A gente ficou se perguntando se tu tinha ido até lá pra gravar uns *bits*. Alguns de nós ficaram

te olhando andar pela favela que nem um peixe pequeno nadando num rio grande. Antes eu não tinha me ligado, mas agora eu entendi a tua jogada, como tu ficou parceiro do pistoleiro da área, daquele Rasta que tinha aquele sonzão, e daquele ladrão e daquele bandido e até do meu pai, pra que geral te conhecesse o suficiente pra gostar de você, mas não pra querer te recrutar. Tu canta sobre qualquer coisa pra emplacar um *hit*, até uns troços que só tu conhece e que ninguém dá a mínima. Gravou “And I Love Her” porque o Prince Buster tinha gravado um *cover* de “You Won’t See Me”, e pra ele foi um *hit*. Tu vai usando o que tem, até uma melodia que não é tua, e canta bem alto, e por muito tempo, e vai cantando até sair da favela. Em 1971, tu já tá na tevê. Em 1971, eu dou meu primeiro tiro.

Eu tinha dez anos.

Na favela, a vida não vale nada. Aqui, matar um moleque não significa nada. Eu lembro a última vez que meu pai tentou me salvar. Ele tinha voltado correndo da fábrica, eu lembro porque minha cabeça dava na altura do peito dele quando a gente ficava de pé, e ele tava respirando de boca aberta, que nem um cachorro. Passamos o resto da noite dentro de casa, ajoelhados no chão. É um jogo, ele disse, muito alto e muito rápido. Quem ficar de pé primeiro perde, ele disse. Então eu fico em pé porque eu tenho dez anos e já sou crescido e tô de saco cheio daquele jogo, mas ele dá um grito, me deruba e dá um soco no meu peito. E eu tusso e dói tanto pra respirar que eu quero chorar, e eu quero muito odiar esse cara, mas a primeira passa voando como se fosse uma pedrinha e quica na parede. E depois mais uma e mais uma. Daí elas entram rasgando bem pelo meio da parede *pá-pá-pá-pá-pá-pá* menos a última bala, que acerta uma panela em cheio fazendo um *plim*, e depois mais seis, sete, dez, vinte entram pela parede fazendo *tchuctchuctchuctchuctchuctchuc*. E ele me puxa e tenta tapar meus ouvidos, mas ele me puxa com tanta força que nem percebe que tá enfiando o dedo no meu olho. E eu escuto as balas e o *pá-pá-pá-pá-pá-pá* e o *vuuuush-buuuum* e sinto o chão tremer. E daí mulher grita, e homem grita, e criança grita, daquele jeito que parece que alguém vai morrer, quando você consegue ouvir o grito ficando preso no meio do sangue que vinha subindo pela garganta até a boca e virando um gargarejo, um engasgo. E ele me segura no chão, e tapa minha boca, e eu quero morder a mão dele, então eu mordo porque ela também tá tapando meu nariz e por favor, pai, não me mata, mas ele está tremendo

e eu fico pensando se é a tremedeira da morte, e daí o chão treme de novo, e o som de pés, um monte de pés, homens correndo e passando e passando e correndo e rindo e gritando e berrando aquele cara da Eight Lanes vai morrer. E o papai me prensou no chão, me protegendo com seu corpo, mas ele era tão pesado, e meu nariz tava doendo, e ele tinha cheiro de motor de carro, e o joelho dele ou alguma outra coisa tava machucando as minhas costas, e o chão tinha um gosto amargo, e eu sabia que era por causa da cera vermelha do piso, e eu queria que ele saísse de cima de mim, e eu odiava ele, e o som de tudo chegava abafado, como se minha cabeça estivesse enrolada num monte de meias-calças. E quando ele finalmente saiu de cima de mim, as pessoas lá fora tavam gritando, e não tinha mais nenhum *pá-pá-pá-pá-pá-pá* nem *vvuuush-buuum*, mas ele tava chorando, e eu odiava ele.

Dois dias depois minha mãe voltou rindo, porque ela sabia que seu vestido novo era a única coisa bonita naquela merda daquela favela, e ele viu ela, porque ele não foi trabalhar, porque ninguém tava se sentindo seguro pra andar na rua, e ele foi direto nela, e segurou ela e disse sua piranha de merda, tu acha que eu não tô sentindo esse cheiro de porra de outro homem? Ele pegou ela pelos cabelos e deu um soco na barriga dela, e ela gritou que ele não era homem, e que não conseguia foder nem uma pulga, e ele disse ah, você quer que eu te foda? E ele disse deixa eu achar um pau do tamanho que você gosta e foi puxando ela pelo cabelo e arrastando ela pela sala e eu assistia tudo aquilo embaixo das cobertas onde ele tinha me escondido do homem mau que podia vir de noite, e ele pegou um cabo de vassoura e encheu ela de porrada dos pés à cabeça e de frente e de costas e ela gritou até se esgoelar e depois começou a gemer e ele dizia você quer um pau grande, eu vou te dar um pau grande, sua piranha, vagabunda, vadia, filha duma puta de merda, e ele pegou o cabo de vassoura e abriu as pernas dela aos chutes. Ele expulsou ela de casa e jogou as roupas dela em cima dela, e eu fiquei achando que aquela era a última vez que eu ia ver a minha mãe, mas ela voltou no dia seguinte, com outros três caras, toda enfaixada, que nem a múmia do filme que tava passando no Rialto Cinema por trinta centavos.

Eles, os três, pegaram meu pai, mas meu pai começou a brigar com eles, brigar que nem homem, até deu uns socos neles que nem o John Wayne num filme, que nem um homem de verdade deveria brigar. Mas ele era um só, e eles eram três, e logo viraram quatro. E o quarto homem só veio depois



que eles já tinham deixado meu pai todo esmagado que nem um tomate, e ele disse meu nome é Funnyboy, em breve eu vou ser o próximo *Don*, mas você sabe qual é o seu nome? Sabe qual é o seu nome? Tô perguntando se você sabe qual é o seu nome, seu arrombado. E a minha mãe riu, mas a risada saiu mais como se fosse uma tosse, e o Funnyboy disse tu acha que tu é o cara porque tu trabalha na fábrica? Sou eu quem te deixa trabalhar na fábrica e eu posso tirar isso de você, seu arrombado. Tu sabe qual é o teu nome, seu arrombado? Teu nome é cagoete. E ele mandou geral sair fora.

E tu sabe por que eles me chamam de Funnyboy? Por que eu não brinco em serviço, ele disse.

Mesmo no escuro, Funnyboy era mais claro do que todos os outros, mas a pele dele tava sempre vermelha, como se o sangue sempre estivesse ali, bem debaixo da pele, ou como os brancos que ficam muito tempo no sol, e os olhos dele eram cinza, que nem de um gato. E o Funnyboy diz pro meu pai que ele vai morrer agora, naquele momento, mas que se ele fizer um agradinho, ele pode viver livre igual aquele leão do filme *Born Free*, desde que se mandasse da favela. E ele disse só tem um jeito de tu continuar vivo, e ele disse outras coisas, e daí abriu o zíper e puxou pra fora e disse tu quer continuar vivo? Tu quer continuar vivo? E o meu pai queria continuar vivo, e o meu pai cuspiu, e o Funnyboy encostou a arma perto da orelha do meu pai. E ele ficou falando pro meu pai do interior, dos lugares pra onde ele podia ir, e disse que ele podia levar seu bacuri, e quando ele disse isso eu tremi, mas ninguém sabia que eu tava embaixo das cobertas. E ele disse tu quer continuar vivo? Tu quer continuar vivo? Várias e várias vezes, que nem uma garotinha irritante, e ele esfregou o cano da arma nos lábios do meu pai, e meu pai abriu a boca, e Funnyboy disse se tu morder a cabeça eu vou te dar um tiro no pescoço pra você se ouvir morrendo, e ele enfiou na boca do meu pai e disse é melhor tu lambar, já que tá chupando que nem um peixe morto. E ele gemeu e gemeu e gemeu e fodeu a cabeça do meu pai e então ele tirou o pau lá de dentro e segurou bem a cabeça do meu pai e deu um tiro nela. *Pá*. Não era um tiro igual num filme de caubói, e não era como quando o Harry Callahan atirava, era só um tremendo *pá*, bem seco, que estremeceu a sala. O sangue espirrou na parede. Meu grito de susto e o tiro fizeram barulho ao mesmo tempo, então ninguém percebeu que eu tava ali durinho embaixo das cobertas.

Minha mãe entra rápido em casa e começa a gargalhar e a chutar meu pai, e o Funnyboy vai até ela e dá um tiro na cara dela. Ela cai bem em cima de mim, então quando ele diz encontrem o pivete eles procuram por toda parte, menos debaixo da minha mãe. O Funnyboy diz quem diria que aquele viadinho ia pedir pra chupar meu pau que nem se fosse uma buceta pra me fazer um agradinho se eu deixasse ele viver? Pervertido do caralho, veio com tudo e pegou no meu pau duro. Quem diria, ele dizia para os homens que tavam me procurando, mas minha mãe tava em cima de mim, com os dedos bem na frente da minha cara, e eu ali, naquela gaiola, olhando entre os dedos dela, sem chorar, enquanto o Funnyboy continuava falando que ele sabia que o meu pai era viado, só podia ser viado, devia ser por isso que a mulher dele era vadia daquele jeito, mas também se não fosse assim, como é que ela ia apagar o fogo daquela xereca, e então ele disse não falem nada pro Shotta Sherrif.

A casa ficou em silêncio. Tirei minha mãe de cima de mim e fiquei feliz porque tava escuro, mas não podia sair dali porque eles podiam me pegar, então eu fiquei vendo e esperei. Assim como esperei meu pai sentado no chão perto da porta, e ele se levantou e veio até mim e me disse que o inglês é a melhor coisa que você pode aprender na escola, porque mesmo que você vá trabalhar de encanador, ninguém vai te dar um emprego se você falar tudo errado, e falar direito é a coisa mais importante que existe, mais importante até do que aprender uma profissão. E disse que um homem deveria aprender a cozinhar, mesmo que aquilo fosse coisa de mulher, e ficou falando e falando e falando pra caramba, como ele sempre falava pra caramba, e às vezes ele falava tão alto que eu ficava pensando se ele queria que os vizinhos também escutassem e aprendessem com ele, mas não, ele ainda tava ali no chão, e tava me dizendo pra fugir, pra fugir agora porque eles iam voltar, pra eu arrancar os Clarks dos pés dele e levar tudo mais que tivesse qualquer valor naquela casa, e eles iam revirar tudo procurando por dinheiro, embora ele tivesse colocado todo o dinheiro no banco. Ele tá caído na porta. Eu tiro os sapatos dele, mas vejo sua cabeça e vomito.

Os Clarks ficam grandes e eu vou *clopclopclop* até os fundos da casa, e não tem nada lá fora além de mato e trilhos de trem, e eu tropeço na desgraçada da minha mãe, e ela se contorce como se tivesse viva, mas não está. Eu subo na janela e pulo. Os Clarks ficam grandes pra correr, então eu tiro e

saio correndo no meio do mato e dos cacos de vidro, e por umas partes molhadas, e umas partes secas, e umas fogueiras ainda não extintas, e a ferrovia desativada me leva pra fora de Eight Lanes, e eu corro e corro e me escondo no meio de um espinheiro até que o céu fica laranja, depois rosa, depois cinza, e então o sol se apaga e uma lua bem gorda nasce. Quando eu vejo passarem três caminhões cheios de homens dentro, eu corro até chegar no Lixão, nada além de lixo, detritos e dejetos numa extensão de quilômetros. Nada além das coisas que o povo da cidade alta joga fora, colinas e vales de lixo, dunas que nem num deserto, e uns troços queimando por toda parte, e eu continuo correndo, e eu não paro até chegar de novo numa favela, daí eu vejo uma rua fechada por uma caminhonete, e eu passo por baixo da caminhonete, e eu estou correndo até agora, e um homem berra e uma mulher grita, e a casa deles é diferente, menor, mais apertada, e eu sigo correndo, e um homem aparece com uma metralhadora, mas a mulher grita ele é só um menino e ele tá sangrando, e eu tropeço em alguma coisa e caio e começo a berrar bem alto, e dois homens vêm pra cima de mim e um me aponta uma arma e eu agora tô roncando que nem meu pai fazia quando dormia, e o homem com a arma chega mais perto e grita de onde tu é? Tô sentindo o cheiro daqueles viadinhos de Eight Lanes, e o outro homem diz o pivete tá coberto de sangue, e o outro homem diz e se eu te meter uma bala, pivete? E eu nem consigo falar nada, só digo que o Clarks é um bom sapato, o Clarks é um bom sapa... e o cara com a arma faz um clique e alguém grita porra, Josey Wales, como tu gosta de meter bala!, e já sai dizendo que nem tudo se resolve na base do *bam-bam*, e os dois homens se afastam de mim, mas muitas outras pessoas me cercam, incluindo mulheres. Depois a multidão se abre que nem Moisés fez com o Mar Vermelho, e ele vem caminhando na minha direção, e para.

O Shotta Sherrif tá matando os dele agora? Ele não tá ligado que tá difícil encontrar homens de verdade?, ele diz. Deve ter alguma coisa a ver com o controle de natalidade de Eight Lanes. Todos riem. Eu digo mamãe e papai e não consigo dizer mais nada, mas ele acena com a cabeça, me entendendo. Você quer se vingar matando eles?, ele diz, e eu quero dizer sim pelo meu pai, mas não pela minha mãe, mas eu só consigo dizer s-s-s-s-s e balanço minha cabeça com força como se eu tivesse acabado de levar uma pancada e não conseguisse falar. Ele diz logo mais, logo mais, e chama uma mulher, e ela

tenta me pegar no colo, mas eu me abraço aos meus Clarks e o homem ri. Ele é um homem grande, e está vestindo uma regata branca de redinha que brilha com a luz dos postes, iluminando seu rosto, quase todo escondido atrás de uma barba, mas não seus olhos, que são grandes e parecem brilhar também, e ele sorri tanto que você nem nota como seus lábios são grossos e nem percebe quando ele para de sorrir e suas bochechas desabam, a barba forma um V no seu rosto, e os olhos dele o encaram friamente. O homem diz vamos mostrar pra eles que aqui em Copenhagen City nós não somos animais, depois ele olha pra mim como se pudesse falar sem dizer uma só palavra, e eu sei que ele tava vendo em mim alguma coisa que podia usar. Ele diz tragam água de coco pra esse moleque e a mulher diz sim, Papa-Lo.

E dali em diante eu vou vivendo em Copenhagen City e eu vejo Eight Lanes e fico esperando o tempo passar. E eu vejo os malucos em Copenhagen City primeiro só com umas faquinhas, depois com revólver de caubói, depois uma M16, depois uma arma tão pesada que o cara mal consegue carregar sozinho, e daí eu faço doze anos, ou, pelo menos, é o que acho, já que Papa-Lo decidiu que o meu aniversário é no dia que ele me achou, e ele também me deu uma arma e começou a me chamar de Bam-Bam. E eu vou até o Lixão com outro moleque pra aprender a atirar, mas o coice da arma me derruba, e ele ri e me chama de arrombadinho, e eu digo que foi disso que chamei a mãe dele ontem à noite quando tava comendo ela, e eles riem, e um outro maluco, o maluco chamado Josey Wales, põe a arma na minha mão e me ensina a mirar. Eu cresci em Copenhagen City e vi as armas mudando e sei que elas não tão vindo do Papa-Lo. Elas tão vindo dos dois homens que levam armas pra favela, e do homem que me ensinou a usar elas.

A gente, o sírio, o americano e o Doctor Love, todos no pátio do barraquinho que fica de frente pro mar.





**E**sta é uma história de vários assassinatos, de garotos que não significavam nada pra um mundo que nunca para de girar. Mesmo assim, cada um deles, quando passou por mim, trouxe consigo o aroma agridoce do homem que me matou.



“Épico em todos os sentidos da palavra: impactante, mítico, extremo, colossal e inebriantemente complexo.”

*The New York Times*

“Apesar do título, não é breve nem há meros sete assassinatos. O leitor vai se sobressaltar muito mais vezes que isso.”

*The Guardian*

“Uma história multifacetada sobre a violência das gangues e a política da Guerra Fria em uma turbulenta Jamaica pós-independência.”

*The New Yorker*

ISBN 978-85-510-0179-0



9 788551 001790

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)